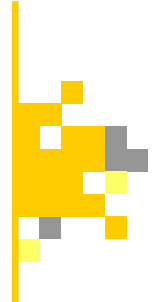


ENTREVISTA

Michel Gherman

(Pós-Doutor em História Social, Professor,
Universidade Federal do Rio de Janeiro)



Sobre o entrevistado

Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Antropologia pela Hebrew University of Jerusalem e doutor em História pelo PPGHIS/UFRJ.

Fez pós-doutorado em História Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro e no Ben Gurion Center for Israeli and Zionist Studies.

Possui publicações nas áreas de História Contemporânea, História Política, Antropologia Política, estudos sobre Sionismo e Israel, conflito palestino-israelense e Oriente Médio e sobre a Extrema Direita e Judaísmo no Brasil.

Atualmente é professor do Departamento de Sociologia da UFRJ onde coordena o Núcleo Interdisciplinar de estudos Judaicos e o Laboratório de Religião, Espiritualidade e Política e Diretor Acadêmico do Instituto Brasil Israel.

ORCID: 0000-0003-3648-7685

Lattes: 5419654016461691

E-mail: michelgherman@gmail.com

1. A guerra de narrativas, a guerra de propaganda é um componente indissociável da História das guerras. Assemelha-se ao dramático universo shakespeariano em que o cinismo, a hipocrisia, as dores, as tramas, as intrigas, a maldade humana, quem começou, quem sofreu mais e outros aspectos desfilam aos nossos olhos incrédulos. Israel leva vantagem nessa Guerra em relação aos Ocidentais?

Michel Gherman – Interessante a forma de formulação dessa pergunta. A ideia dos ambientes de intrigas típicos da guerra ser associada à referências típicas do debate dramático me faz ter vontade de continuar nessa direção. Mas, eu proponho que o mote não seja Shakespeare, mas Berthold Brecht. Aqui permitam-me fazer uma relação com certa historiografia nacionalista. Para analistas nacionalistas do fenômeno nacional, é correto afirmar que a nacionalidade a qual eles se referem é imemorial. E remonta a um passado tão remoto que se constitui quase como um fenômeno natural. Nesse contexto, a produção de uma narrativa contemporânea sobre a formação de estados-nação não faria sentido. Entretanto sabemos que o nacionalismo não constitui um fenômeno contínuo vindo da antiguidade, e se estabelece a partir de um conceito tipicamente contemporâneo.

A guerra também tem as mesmas dinâmicas. A ideia de continuidade e falta de opção. A noção de que um dos dois lados tem a razão absoluta enquanto que o outro é absoluto agressor, isso tudo é parte de um discurso

ideológico que justifique a guerra. Nesse contexto, historiadores e sociólogos dos conflitos devem ser instados a pensar as guerras para além de seus arranjos ideológicos. Elãs são parte de estratégias ideológicas e políticas promovidas por líderes políticos e militares. E não por fenômenos ideológicos e políticos e não por fenômenos naturais. Nesse sentido, cabe a nós torcer e desafiar esquemas completos sobre os conflitos. O teatro de guerra é produto de uma construção e não uma referência inexorável do mundo. Seus dramas e tragédias são produtos dessas decisões. Assim, a nossa tarefa deve ser estabelecer que análises sobre o tema devam ser relativizadas e não dogmatizadas. A guerra é produto de decisões políticas e não é a vida. Assim, acho que estamos mais com Brecht do que com Shakespeare.

O final da pergunta se estabelece a partir de um personagem fixo e de uma plateia fixa. É uma proposta shakesperiana. Como se houvesse, por algum motivo fixo, um personagem e uma plateia, Israel e os ocidentais. Por que Israel levaria vantagem? Quem seriam os ocidentais? Em uma fase de fortes transições como a que vivemos por que apenas os ocidentais?

Sobre ocidentais, estamos falando da Espanha ou da Alemanha? Da Bélgica ou os Estados Unidos? As posições desses países em relação a Guerra, ora em curso, são contraditórias. Sem lembrar que a comunidade europeia constitui-se por membros como Hungria e Turquia, esse com posições ativamente opostas. Devemos notar que como países não seriam hegemonicamente “ocidentais”. Então essa categoria faria sentido então para que? Não seria apenas para organizar narrativas gerais e harmônicas?

Afora isso, países claramente fora do espectro ocidental, como Rússia, China, Arábia Saudita e Qatar não teriam importância alguma, seja na construção de opinião pública ou de decisões políticas?

E lugar de novos blocos de emergentes, África do Sul e Brasil, devem ser sempre vistos como menores e sem importância no atual conflito. Ou podemos estabelecer novas formas de análise onde Israel e palestinos, Nethanyahu e

Hamas, estariam e um tabuleiros de peças que podem se modificar?

Proponho, assim, mais Brecht e menos Shakespeare.

2. Porque o ocidente não se sensibiliza com a situação Palestina da mesma forma com que se sensibilizou com os ataques do Hamas no dia 7 de outubro?

MG – Essa pergunta deve ter sido formulada logo após o ataque do dia 7 de outubro. Hoje parece que o quadro está diferente. As críticas a Israel e as seus ataques não são raros e as manifestações públicas em grandes cidades do norte global superam em muito as manifestações de simpatia a Israel. Aqui também cabe uma segunda questão, mais uma vez repetindo pontos já tratados na primeira, O que seria o ocidente? As manifestações em Nova Iorque, Londres ou Paris não seriam? Ou a sociedade civil seria pouco relevante nessa perspectiva? Minha preocupação é que grandes categorias estruturantes de realidades totais ignorem quebras e contradições importantes. Nesse contexto, eu diria que as estruturas representativas do sistema mundo estão em profunda crise e as estruturas do conselho de segurança das Nações Unidas, deliberativas e poderosas, de fato, por conta dos vetos dados a países específicos não produzem políticas a partir das demandas de sensibilização pública. Esse ponto é sim importante de ser tratado e discutido, com categoria e conceitos adequados.

3. Outro aspecto importante na conjuntura atual é o posicionamento das grandes potências? Como você avalia o envolvimento norte-americano? E a China? E a Rússia? França? Alemanha?

MG – Eu acho que o envolvimento que cada um desses países é distinto e mostra um sistema mundo em grande crise e com monstruosas necessidades de mudança. Como falei nas perguntas anteriores, Estados Unidos, França e Alemanha parecem que, nas suas políticas de governo, estão alinhados em seus posicionamentos. Todos eles, entretanto, tem tido

mobilizações importantes de apoio a causa palestina em seus respectivos espaços públicos. Tais mobilizações acabam por afetar o apoio político a Israel no atual conflito. Essas contradições já aparecem na França e, de forma ainda pouco efetiva, nos Estados Unidos. A perda de apoio interno pode, em algum momento, ameaçar os apoios em âmbito internacional.

China se estabelece como referência concreta de atuação como player importante no pós guerra e tem dado demonstrações de mais apoio a solução política e de simpatia pela causa palestina. A Rússia tem mantido seus vínculos regionais ativos na intervenção que faz nas arenas internacionais. Próxima de Interesses na Síria e com aliança tática com Irã, tem havido, nos últimos tempos, sinalização clara de aproximação entre o governo de Putin e o regime do Hamas em Gaza.

4. A forma enérgica com que Israel está agredindo a Faixa de Gaza pode acender algum tipo de antissemitismo?

MG – Acho que esses vínculos entre a agressão de Israel em Gaza e o crescimento do antissemitismo no mundo mostra que a questão do antissemitismo não pode ser explicada somente com a guerra. É sim um fenômeno em franco crescimento e que são muitos sentidos nas últimas semanas, mas seria um equívoco acreditar que suas motivações têm relação exclusiva com os conflitos. O antissemitismo, cuja uma das referências centrais é a responsabilização de judeus no mundo inteiro por atitudes tomadas por Israel, já se constituía em um fenômeno em ascensão.

Da mesma maneira, a Islamofobia em crescimento não pode ser creditada ao massacre de 7 de outubro. Os antissemitas e islamofóbicos instrumentalizam esses fenômenos já presentes fortemente antes do agravamento da crise, o início da presente fase do conflito e das terríveis imagens que circulam mundo afora.

5. Como você analisa a conjuntura global que, de um lado, vemos o ocidente acusar a Rússia – uma potência – em guerra com um país mais fraco – Ucrânia – e, ao mesmo tempo, coloca-se ao lado de outra potência – Israel – que cerca um povo que ao mesmo tem um Estado. Essa situação pode levar a falência definitiva da ONU?

MG – A ONU está em crise. Grupos iliberais autoritários e defensores de uma política externa isolacionista e anti-global apostam nessa falência definitiva. Acho que a ONU precisa de mudanças estruturais urgentes para atualizar os novos contextos internacionais, aliás como bem defende o governo Lula. Com relação a específica comparação entre os dois conflitos ora em curso, para além da disparidade de forças entre Israel e Gaza e Rússia e Ucrânia e da reação desproporcional e condenável do Estado judeu contra a população civil do enclave, é preciso lembrar que há uma diferença nos dois casos, na Ucrânia houve invasão russa ao território soberano de um país (apesar de militarmente mais fraco) soberano, enquanto que no caso do conflito entre Gaza e Israel a situação foi inversa, também no caso da Invasão quanto na correlação de forças. Nesse contexto, há mais nuances e não vejo que sejam essas questões que podem levar a “falência da ONU”.

6. Em sua opinião, a proteção Ocidental direcionada à Israel é fruto das feridas da Segunda Guerra Mundial ou uma forma de conter o crescimento dos países árabes, da Turquia e do Irã?

MG – Já falamos do problemática em tratar a ideia de países ocidentais. A reafirmo aqui. No caso, me parece que há uma gramática justificativa que utiliza a memória do Holocausto como referência, mas o que explica mais os apoios dos Estados Unidos a Israel têm relação com arranjo geopolíticos e com interesses regionais.

7. Como avaliar a participação dos atores regionais neste conflito? Irã? Arábia Saudita, Egito e Qatar?

MG – São interesses e atuações distintas e contraditórias. Qatar e Irã parecem ter relação, apesar de distintas com o Hamas e estabelecem essas relações para conquistas de interesses próprios. Egito e Arábia Saudita veem o Hamas como ameaça ao equilíbrio da região e, apesar de não apoiarem abertamente a invasão Israelense, veem com bons olhos o enfraquecimento do Hamas, apesar de estarem preocupados com a escalada do conflito.

8. Por que o conflito entre Israel e Palestina está longe de um desfecho positivo?

MG – A solução para o conflito não será militar, será política, Hamas e Nethanyahu jogavam do mesmo lado, apostando na administração do conflito e isolando possíveis parceiros para um acordo de paz justo e viável. As condições para esse acordo estão baseadas no reconhecimento mútuo, ressarcimento aos refugiados e fim da ocupação aos territórios de 1967 e arranjo político para a criação, agora vejo assim, da criação de dois estados vivendo em paz e segurança. Por incrível que pareça, a atual crise fortalece essas possibilidades e não o contrário.

Entrevistadores:

José Renato Ferraz da Silveira e
George Leonardo Seabra Coelho